

IV SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXII Semana de Iniciação Científica

21 a 25 de outubro de 2019

Tema: "Desmonte da Pesquisa, Ciência e Tecnologia: repercussões e impactos tecnológicos, sociais e culturais"

ISSN: 1983-8174

CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS: COMO AS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA PODEM INFLUENCIAR OS SUJEITOS EM SUA VISÃO SOBRE A LÍNGUA?

Jenifer Santos Bezerra¹, Amanda Rodrigues de Lima², Maria de Fátima Gomes da Silva³, Maria da Penha Gomes da Silva⁴, Sandra Espínola dos Anjos⁵

Resumo: Este trabalho pretende promover mais uma discussão acerca de crenças e atitudes linguísticas, bem como da importância que as instituições educacionais possuem na formação da ideologia linguística dos falantes brasileiros. Para a referida pesquisa, utilizamos como *corpus* entrevistas realizadas com dois informantes, nas cidades de Crato e Juazeiro do Norte. Como arcabouço teórico nos baseamos em estudos de Barcelos (2001) e (2007), Bagno (2007) e (2009), Corbari (2013) e Monte (2019). A pesquisa nos possibilitou constatar que o ensino com base estritamente na gramática prescritiva pode colaborar para uma visão negativa da língua por parte dos alunos, alimentando alguns mitos linguísticos que partem da ideia do "certo" e "errado" na língua.

Palavras-chave: Ensino, Crenças, Atitudes linguísticas.

1. Introdução

Este trabalho traz uma discussão acerca das crenças e atitudes linguísticas dos alunos da Educação Básica com o objetivo de marcar a influência que as aulas de língua portuguesa têm sobre a ideologia dos alunos. Para tanto, temos como base os estudos de Bagno (2007) e (2009), Barcelos (2001) e (2007), Corbari (2013) e Monte (2019). Assim, entendemos como

¹ Autora, Graduanda do curso de Letras/ Português, Universidade Regional do Cariri, email: jenifersantos@yahoo.com

² Autora, Graduanda do curso de Letras/ Português, Universidade Regional do Cariri, email: limaamandaa19@gmail.com

³ Autora, Graduanda do curso de Letras/ Português, Universidade Regional do Cariri, email: fahmarygs26@gmail.com

⁴ Autora, Graduanda do curso de Letras/ Português, Universidade Regional do Cariri, email: gpenha180@gmail.com

⁵ Orientadora, Professora do departamento de Línguas e Literaturas, Universidade Regional do Cariri, email: sandraeanjos@yahoo.com.br

IV SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXII Semana de Iniciação Científica

21 a 25 de outubro de 2019

Tema: “Desmonte da Pesquisa, Ciência e Tecnologia: repercussões e impactos tecnológicos, sociais e culturais”

ISSN: 1983-8174

crenças linguísticas as ideias que o falante tem sobre sua língua ou dialeto e sobre a língua ou dialeto de outros falantes. Atitude linguística, por sua vez, diz respeito ao comportamento que o sujeito tem diante das variações linguísticas.

Considerando que as crenças e atitudes linguísticas são construídas a partir da influência que o sujeito sofre ao ter contato com os diversos grupos sociais, cabe destacar que as aulas de Língua Portuguesa estão carregadas de ideologias que interferem na nossa formação. Portanto, tendo em vista a heterogeneidade da língua, é necessário que a variação linguística seja debatida nas aulas de português, para que o respeito às diferenças linguísticas prevaleça, como defende Bagno (2007), ao afirmar que as instituições educacionais devem reconhecer a diversidade linguística para que se possa pensar em políticas favoráveis aos falantes que se utilizam de variedades mais estigmatizadas.

Embora há muito se discuta sobre a heterogeneidade linguística, inclusive nos Parâmetros Curriculares Nacionais, as aulas de português ainda têm como base um ensino tradicional, que recorre à gramática prescritiva. Conseqüentemente, a ideia de que existe uma forma “certa” e uma forma “errada” é disseminada, provocando crenças e atitudes equivocadas e também negativas nos alunos, em relação à língua.

2. Objetivo

O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma reflexão acerca da importância das aulas de Língua Portuguesa no processo de formação ideológica dos alunos, no que se refere à própria língua.

3. Metodologia

Para a realização deste trabalho, usamos como *corpus* entrevistas feitas com duas pessoas. Estas entrevistas foram realizadas nas cidades de

IV SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA XXII Semana de Iniciação Científica

21 a 25 de outubro de 2019

Tema: “Desmonte da Pesquisa, Ciência e Tecnologia: repercussões e impactos tecnológicos, sociais e culturais”

ISSN: 1983-8174

Crato-CE e Juazeiro do Norte-CE, a partir de duas gravações de áudio, feitas por duas pessoas com níveis de escolaridade diferentes que liam um mesmo fragmento de texto, enquanto suas leituras eram gravadas. Os entrevistados também possuem níveis de escolaridade diferentes, sendo que um deles possui o Ensino Fundamental completo, enquanto o outro tem Ensino Superior incompleto.

Os entrevistados responderam, então, perguntas voltadas para suas impressões acerca dos áudios ouvidos por eles e ainda diversas perguntas referentes às suas crenças e atitudes linguísticas para o desenvolvimento da pesquisa quanti-qualitativa. Foram gravados os áudios das entrevistas, além de terem sido feitas anotações no momento dessas entrevistas.

4. Resultados

Destacamos aqui algumas observações feitas a partir dos resultados obtidos com a coleta de dados, que nos permitiu verificar uma semelhança entre a maioria das respostas dadas pelos dois entrevistados, a quem nos referimos como Inf. 1 e Inf. 2.

A priori, os informantes responderam algumas perguntas a respeito das amostras de leitura gravadas. Na gravação do sujeito que leu a partir de uma variante prestigiada, o Inf. 1 e o Inf. 2 falaram que deveria ser uma estudante de classe média, no entanto, alegaram que a outra pessoa, de variante estigmatizada, seria alguém com ensino médio completo e pobre. Os dois informantes apontaram uma diferença na forma como as duas pessoas leram, a primeira tendo mais facilidade com a leitura e a outra mais dificuldade, não respeitando a pontuação.

Quanto às distinções entre fala e escrita, o Inf. 1 argumenta que a língua portuguesa é uma das mais difíceis, já o Inf. 2 pontua que falar é mais fácil que escrever. Assim, é evidente que há uma supervalorização da língua escrita, o

IV SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA XXII Semana de Iniciação Científica

21 a 25 de outubro de 2019

Tema: "Desmonte da Pesquisa, Ciência e Tecnologia: repercussões e impactos tecnológicos, sociais e culturais"

ISSN: 1983-8174

que fortalece o mito de que a escrita é mais "correta" que a fala (BAGNO, 2007).

Tanto o Inf. 1 quanto o Inf. 2 alegam que há pessoas que falam melhor que são, segundo eles, os sujeitos mais escolarizados e os mais jovens, pois os idosos são geralmente analfabetos, o que está de acordo com um dos mitos citados por Bagno (2007) de que pessoas sem instrução falam errado, pois os brasileiros acreditam que há somente uma língua portuguesa - a língua ensinada nas escolas- e tudo que foge desse padrão é considerado "feio", "errado". Os dois informantes também concordam ao diferenciar os falares da mulher e do homem. Segundo eles, a mulher é "mais sensível" e por isso, não fala palavrões, além disso, o Inf. 1 salienta que mulheres falam "melhor", isso pode ser justificado por alguns estudos que apontam que a mulher possui uma maior preferência por variantes prestigiadas em comparação ao homem (MONTE, 2019).

Quando questionados se há uma maneira errada de falar, os dois afirmam que não, pois falar errado, segundo o Inf. 2, seria falar algo incompreensível. Os dois informantes mostram então que já reconhecem que não existe "certo" ou "errado" em uma língua. Mas ao insistirem em utilizar, nos demais questionamentos, termos como *melhor* e *bonita* ao se referirem a uma determinada variante, evidenciam a crença de que há uma única forma correta de falar, reproduzindo a ideia de uma língua homogênea e ideal.

Atribuímos tais crenças e atitudes a várias questões sociais, mas um aspecto que acreditamos ter maior influência na ideologia dos falantes brasileiros sobre a língua materna é o ensino prescritivo da língua, pois a Gramática Tradicional se sustentou, desde o seu surgimento, em preconceitos sociais. (BAGNO, 2009).

5. Conclusão

IV SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA XXII Semana de Iniciação Científica

21 a 25 de outubro de 2019

Tema: “Desmonte da Pesquisa, Ciência e Tecnologia: repercussões e impactos tecnológicos, sociais e culturais”

ISSN: 1983-8174

Este trabalho nos permitiu refletir sobre a necessidade de reestruturação do ensino de Língua Portuguesa, a partir das crenças e atitudes linguísticas dos sujeitos. Embora já se tenha uma compreensão mais ampla da heterogeneidade linguística, os falantes ainda têm muito a aprender. A partir da nossa análise, fica claro que a noção de uma língua perfeita é uma crença comum às pessoas.

Desse modo, é essencial que os alunos e professores revejam suas crenças e atitudes quanto à língua, para que assumam a existência da heterogeneidade linguística e a respeitem, pois as variações marcam a identidade de um grupo, sendo, portanto, essencial para as diversas culturas brasileiras. Ademais, os falantes precisam entender que não falam pior ou melhor que ninguém, o que existe são formas mais adequadas que outras para determinadas situações.

6. Referências

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

_____. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 49. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

BARCELOS, A. M. F. Reflexões acerca da mudança de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas. **Rev. Brasileira de Lingüística Aplicada**, 2007, v. 7, n. 2, p. 109-138.

_____. Metodologia de pesquisa das crenças sobre aprendizagem de línguas: estado da arte. **Rev. Brasileira de Lingüística Aplicada**, 2001, v. 1, n. 1, p. 71-92.

CORBARI, C. C. **Atitudes linguísticas**: um estudo nas localidades paranaenses de Irati e Santo Antônio do Sudoeste. Tese (Doutorado em Letras). Instituto de Letras. Universidade Federal da Bahia, 2013.

MONTE, A. A influência da escolaridade e do sexo/gênero no uso variável da concordância verbal de terceira pessoa do plural. **Revista Diálogos**. v. 7, n. 1, 2019.